



Do fac-símile à edição semidiplomática do Livro de Razão do Campo Seco: desafios para a transmissão e preservação da memória social de um povo

From the facsimile to the semi-diplomatic edition of the Livro de Razão do Campo Seco: challenges for the transmission and preservation of the social memory of a people

Adilson Silva de Jesus*
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o processo de edição do Livro de Razão do Campo Seco, manuscrito produzido entre 1794 e 1838, por três pessoas da família Pinheiro Canguçu (Antônio Pinheiro Pinto, Inocêncio José Pinheiro e Miguel Joaquim de Castro Mirante) em Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado. Para tanto, destacamos a importância da formação do profissional que se dedica ao ofício de edição, expomos a história do manuscrito através de sua caracterização formal e da identificação de sua autoria material e intelectual, além da definição dos tipos de edição realizados. Enfatizamos ainda os desafios encontrados no processo de edição e os procedimentos adotados para superá-los e nos aproximar da forma genuína do testemunho. Os resultados obtidos revelam um procedimento metodológico que possibilita, de forma segura, “a transmissão e a preservação do patrimônio cultural escrito de um povo” (CAMBRAIA, 2012, p. 295).

Palavras-chave: Edição. Livro de Razão. Transmissão. Preservação. Patrimônio cultural escrito,

Abstract: This article aims to present the editing process of the Livro de Razão do Campo Seco, a manuscript produced between 1794 and 1838, by three people from the Pinheiro Canguçu family (Antônio Pinheiro Pinto, Inocêncio José Pinheiro and Miguel Joaquim de Castro Mirante) in Bom Jesus dos Meiras, current city of Brumado. In order to do so, we highlight the importance of training professionals dedicated to the craft of editing, we expose the history of the manuscript through its formal characterization and the identification of its material and intellectual authorship, in addition to the definition of the types of editing performed. We also emphasize the challenges encountered in the editing process and the procedures adopted to overcome them and bring us closer to the genuine form of testimony. The results obtained reveal a methodological procedure that safely enables “the transmission and preservation of the written cultural heritage of a people” (CAMBRAIA, 2012, p. 295).

Keywords: Editing. Livro de Razão. Transmission. Preservation.. Written cultural heritage.

*Doutor em Língua e Cultura – UFBA/ Pesquisador do NELP – UEFS e do PROHPOR – UFBA. E-mail: adilsonuefs@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Azevedo Santos (2004, p. 13) vê a escrita (manuscrita, impressa ou digital) como um ato comunicativo, resultante das condições “das sociedades e dos homens que a dominam”. De igual modo, Martin (2003, p. 141), ao afirmar que “[...] [e]xplicar uma língua é, ao menos em parte, compreender sua história.”, ensina que a língua funciona como um receptáculo constituído por diversas camadas capazes de revelar aspectos da memória social e experiências vividas em diferentes sincronias.

Nesse contexto, os documentos escritos antigos entram em cena, revelando histórias impossíveis de serem reconstituídas por meio do acesso direto à observação. Desse modo, o trabalho do filólogo, ao editar um texto e tentar se aproximar de sua forma genuína, é de fundamental importância, pois o seu labor recupera as vozes do tempo materializadas pela escrita, elemento constituinte da linguagem, possibilitando também a “transmissão e a preservação do patrimônio cultural escrito de um povo” (CAMBRAIA, 2012, p. 295)

Entretanto, editar um testemunho escrito, ou seja, escolher a melhor forma de restituí-lo e, assim, “ouvir o inaudível”, não é tarefa simples porque, como bem lembra Lopes et al (2017, p. 96), “os documentos escritos que nos parecem, tantas vezes transparentes e de fácil compreensão, nos ameaçam com armadilhas diversas embutidas em cada palavra.” Ciente disso, o presente artigo tem como propósito apresentar o caminho realizado durante a edição semidiplomática do Livro de Razão do Campo Seco, com ênfase nos desafios encontrados no processo de edição e nos procedimentos adotados para superá-los. A análise empreendida foi baseada no arcabouço teórico da Filologia (SPINA, 1977; PAIXÃO DE SOUZA, 2006; CAMBRAIA, 2012; TELLES, 2016; LOSE, 2017, SILVA, 2021).

2 DA AUTORIA À CARACTERIZAÇÃO MATERIAL DO MANUSCRITO: A HISTÓRIA DO LIVRO DE RAZÃO

A literatura disponível na área contábil apresenta o conceito e a função dos chamados livros de escrituração contábeis. Pinho e Rocha (2017, p. 53) explicam que são livros usados pela empresa para escrituração e podem possuir diversas finalidades. Os autores esclarecem que, a depender da natureza do negócio ou porte da empresa, alguns livros podem ser facultativos e outros são obrigatórios.

Sobre a função, Pinho e Rocha (2017, p. 54) especificam que esses documentos são classificados como fiscais, sociais e contábeis. Os Livros Fiscais são aqueles exigidos pelo fisco (Registro de Inventário, Registro de Saídas etc.), são chamados Livros Sociais aqueles exigidos pela Lei das Sociedades por Ações - Lei nº 6. 404/76 (Livro de Atas das Assembleias Gerais, Livro de Transferências das Ações Nominativas etc.) e, por fim, os Livros Contábeis, aqueles destinados à escrituração contábil dos atos e fatos administrativos (Livro Diário, Livro Razão, Livro Caixa etc.).

A partir da discussão dos autores, é possível constatar que um Livro de Razão está inserido no rol dos Livros Contábeis, cuja finalidade é armazenar, de forma padronizada, informações financeiras necessárias. Consiste em registrar separadamente o movimento

de todas as contas analíticas de forma individualizada, indicando os seus saldos atualizados, possibilitando o conhecimento da movimentação de débito e crédito de cada elemento do patrimônio de uma empresa (PINHO; ROCHA, 2017, p. 55-56). Esse conceito dialoga com Belloto (2002, p. 83) que assim define o Livro de Razão: “documento não diplomático informativo. Livro contábil padronizado de contas correntes. Também chamado Livro-razão. As operações são aí lançadas por rubricas separadas, ordenadas em débito e crédito”.

Algumas formalidades são exigidas para a confecção desses livros. A Resolução do (CFC) Conselho Federal de Contabilidade n.º 1.330/11, de acordo com Pinho e Rocha (2017, p. 55), estabelece que, para os livros impressos, devem ser obedecidas as seguintes orientações:

- ser encadernados;
- ter suas folhas numeradas sequencialmente;
- conter termo de abertura e de encerramento assinados pelo titular ou representante legal da entidade e pelo profissional da contabilidade regularmente habilitado no Conselho Regional de Contabilidade.

As particularidades elencadas anteriormente indicam um modelo básico de um Livro de Razão impresso, que pode ser sintetizado seguindo o exemplo produzido por Pinho e Rocha (2017, p. 58).

Quadro 1 - Modelo Simples de organização do Livro de Razão

Título da conta:				Código	
Data	Histórico	Débito	Crédito	Saldo	D/C

Fonte: (PINHO; ROCHA, 2017, p. 58).

Os itens presentes acima, de forma resumida, podem ser assim descritos: o título da conta, ou seja, em qual conta vai ser registrada a operação, seguido do plano de contas identificado pelo código. A etapa seguinte é a indicação cronológica da data da operação realizada; no histórico, registra-se a compra; nos campos reservados para débito e crédito, anota-se o valor lançado, enquanto, no saldo, deve-se registrar o valor atualizado da conta.

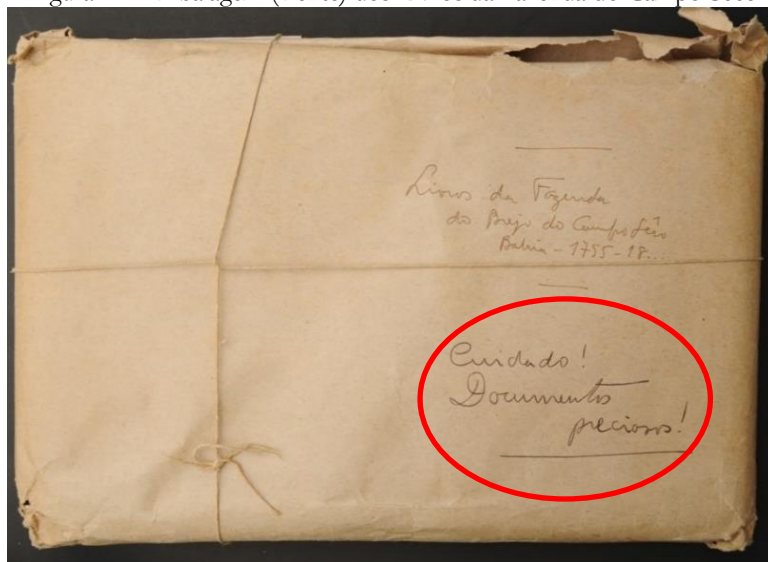
O *Livro de Razão do Campo Seco*, embora apresente uma estrutura variada no que se refere ao processo de registros, segue as características mencionadas, no entanto tem um diferencial: contém elementos que vão além das transações comerciais, como os valiosos reflexos do cotidiano da fazenda e de seus ocupantes, os quais são úteis para a compreensão da memória da vida privada nos períodos colonial e pós-colonial.

1.1 DA DIGITALIZAÇÃO À DESCRIÇÃO EXTRÍNSECA

O *Livro de Razão do Campo Seco*, oriundo de Bom Jesus dos Meiras, atual município de Brumado, foi produzido entre o final do século XVIII (1794) até a metade do segundo

quartel do século XIX (1838), por três pessoas da mesma família: Antônio Pinheiro Pinto, 2º Senhor do Campo Seco; seu filho, Inocência Pinheiro; e, mais tarde, Miguel Joaquim de Castro Mirante, genro de Inocência. Trata-se de um manuscrito composto por 195 folhas, que mede 30,5 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, conforme Santos Filho (2012, p. 110). Encontra-se guardado em Campinas, envolvido em um papel pardo e amarrado com barbante, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Embalagem (frente) dos Livros da Fazenda do Campo Seco



Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB.

Esse valioso testemunho está sob a guarda de Lycurgo dos Santos Neto, filho de Lycurgo dos Santos Filho, que recebeu os livros de Marieta Betim Pais Leme Canguçu, em Campinas, e Hermengarda Fraga Canguçu, em Bauru, as viúvas, respectivamente, de Artur Gutierrez Canguçu e Inocência Canguçu, os netos de Exupério Pinheiro Canguçu, falecido em 1900, o último senhor do Brejo do Campo Seco (SANTOS FILHO, 2012).

A versão digital desse manuscrito chegou a nossas mãos através de Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, professoras da Universidade Estadual de Feira de Santana, respectivamente, coordenadora e vice-coordenadora do CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*, projeto que, em 2012, obteve a anuência de Lycurgo dos Santos Neto para fotografar e estudar essa documentação.

O manuscrito do Campo Seco foi fotografado de acordo com o método do *Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (Lapelin)*¹, desenvolvido pelo professor Jorge Viana Santos com colaboração da professora Cristiane Namiuti Temponi, na Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB). O método, segundo Brito e Santos

¹Para maiores informações, consultar a dissertação do autor intitulada *Do Texto ao Documento Digital: transposição fotográfica de documentos manuscrito histórico para formação de corpora linguísticos eletrônicos*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2015.

(2014, p. 422), tem por objetivo fazer a transposição de documentos manuscritos originais em papel para o formato digital através de fotografia cientificamente controlada, trilhando os seguintes passos: “1) Controle: etapa da captura de informações da fonte; 2) Captura fotográfica da imagem do original; 3) Catalogação das folhas-imagens componentes do documento; 4) Edição; 5) Criação de imagens de uso co-indexadas à imagem-original” (SANTOS; BRITO, 2014, p. 424). Entre as vantagens do método está a possibilidade de recuperar, por meio do digital, os tons e as cores originais do documento em estudo, além da possibilidade de ampliá-lo e sanar as possíveis dúvidas a respeito de aspectos paleográficos e linguísticos, sem necessariamente depender do acesso ao suporte físico.

Após a digitalização, foi possível compreender a constituição material do livro. Verificamos, no manuscrito analisado, a presença de linhas indicando que as páginas foram costuradas e, em seguida, envoltas por capas de papelão cobertas com um tecido pardo grosso (cf. figuras 2 e 3).

Figura 2 – Capa do Livro de Razão (Frente)

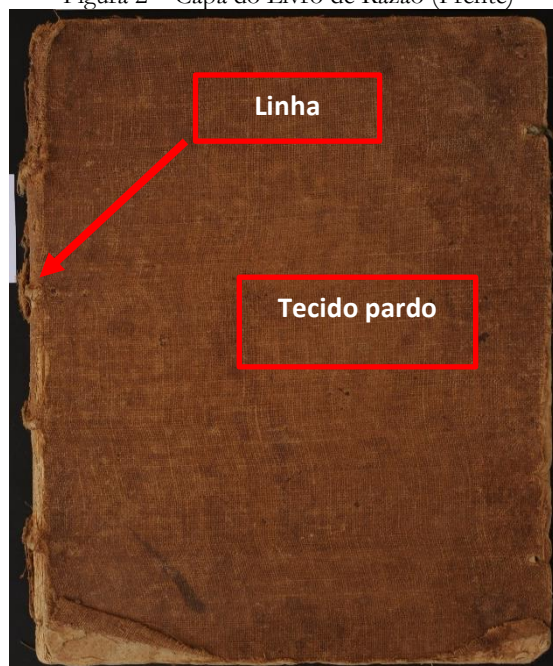
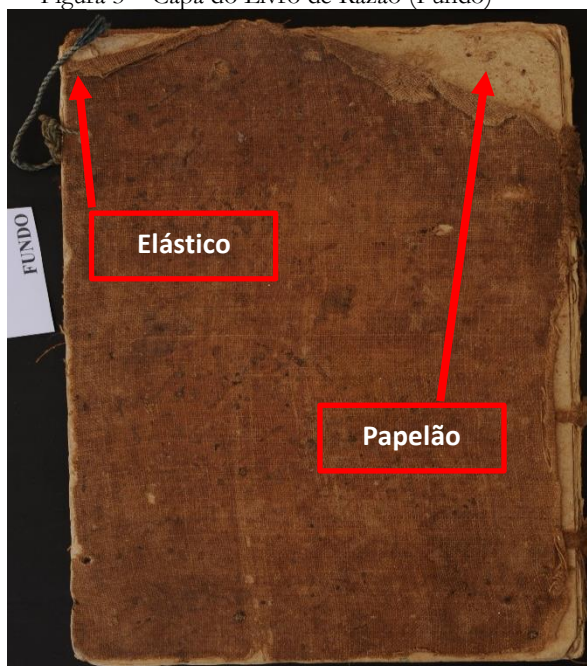


Figura 3 – Capa do Livro de Razão (Fundo)

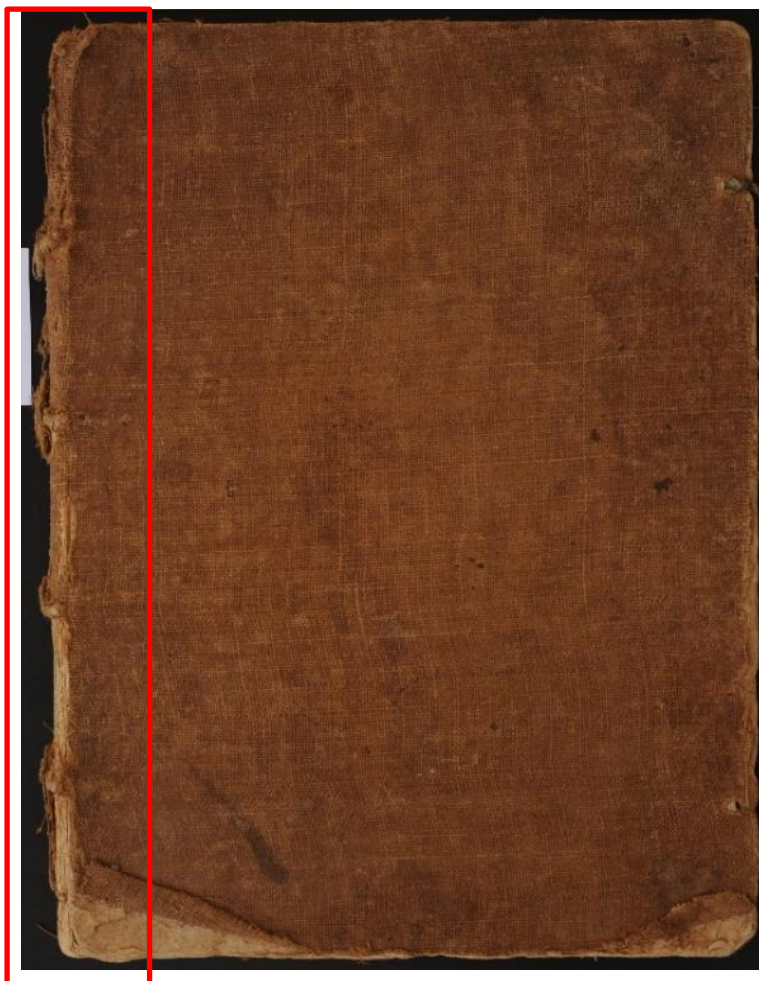


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Notamos, na parte frontal inferior esquerda e direita, que o fixador do tecido perdeu a aderência. Esse processo acontece também na parte superior e nas extremidades, enquanto, na lombada, há o desaparecimento quase total do tecido pardo.

Nas palavras de Faria e Pericão (2008, p. 473), a lombada é a “[...] parte do livro oposta ao corte dianteiro ou aparo das folhas onde são costurados os cadernos e em que se aplicam o título, o nome do autor ou outros elementos”. O melhor fac-símile para representar a lombada do Livro de Razão é o que se apresenta a seguir, na figura 4.

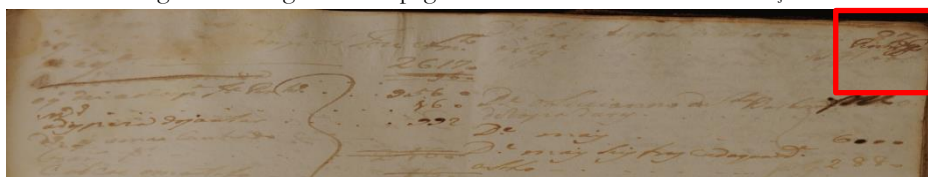
Figura 4 – Lombada do Livro de Razão



Fonte: CEDOHS/UEFS/Foto: Jorge Santos/UESB.

No *Livro de Razão do Campo Seco*, as páginas estão numeradas e rubricadas, frente e verso, até a página 122, por Antônio Pinheiro Pinto, assim: páginas ímpares têm a rubrica e a numeração no ângulo superior direito, enquanto páginas pares apresentam apenas a numeração no ângulo superior esquerdo (cf. figuras 5 e 6).

Figura 5 – Fragmento da página 3 do Livro de Razão: numeração



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

Figura 6 – Fragmento da página 4 do Livro de Razão: numeração



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

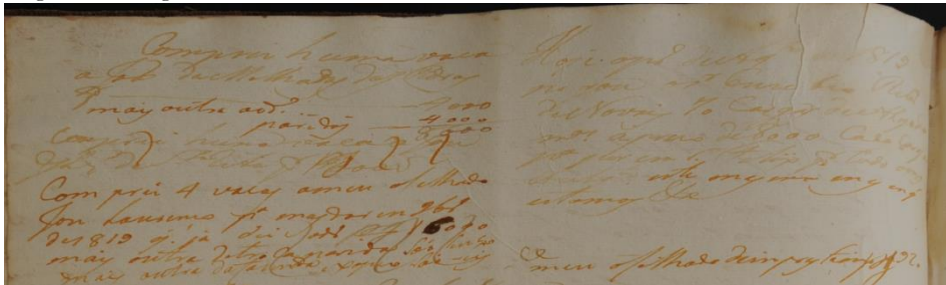
A partir da página 123, a numeração e a rubrica são indicadas apenas no recto, alterando a numeração para fólhos, como se observa nos exemplos abaixo (cf. figuras 7 e 8). A numeração no verso desses fólhos, na edição, é nossa.

Figura 7 – Fragmento do recto do fólho 123 do Livro de Razão: numeração



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

Figura 8 – Fragmento do verso do recto 123v do Livro de Razão: ausência de numeração

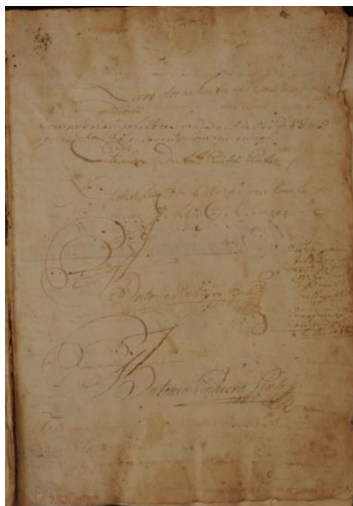


Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

Faltam, no Livro, determinadas páginas. A numeração salta de 68 para 70, de 70 para 72, de 76 para 78, de 132 para 135, depois de 153 para 155, em seguida de 165 para 182, que salta para 186. Os fólhos 135r até 165v, e 182 recto estão em branco. A numeração da página 58 e do fólho 193 está repetida. Além disso, existe um bilhete em anexo na página 54.

A página indicada pelo número 0 é, na verdade, uma folha de guarda, embora contenha outras anotações. Quanto aos termos de abertura e de encerramento, encontramos no *Livro de Razão do Campo Seco* da seguinte forma (cf. figuras 9).

Figura 9 – Termo de abertura do Livro de Razão do Campo Seco feito por APP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB

Observamos, no exemplo da figura 15, informes referentes à função do Livro: “Livro dos aSentos eRol dos que/ Medevem” (linhas 3 e 4). Do mesmo modo, há a identificação do titular responsável: “Este Livro he deAntonio Pinheiro Pinto” (linha 7); a nomeação do Livro: “Xamado Livro de Razão que consta dos/ meus Asen tos e Clarezas” (linhas 8 e 9), seguidos da assinatura e ano “Antonio Pinheyro Pinto/ 1795” (linhas 19 e 20).

Inocência José Pinheiro, mesmo já tendo escrito em outra folha do Livro, demarca sua autoria – intelectual e material – a partir do fólio 130r (cf. figura 10), que funciona como uma espécie de inauguração de um novo período, após a morte de Antônio Pinheiro Pinto. Isso, porém, não lhe garante exclusividade, uma vez que o 2º senhor tem anotações dispersas em diversas páginas do livro.

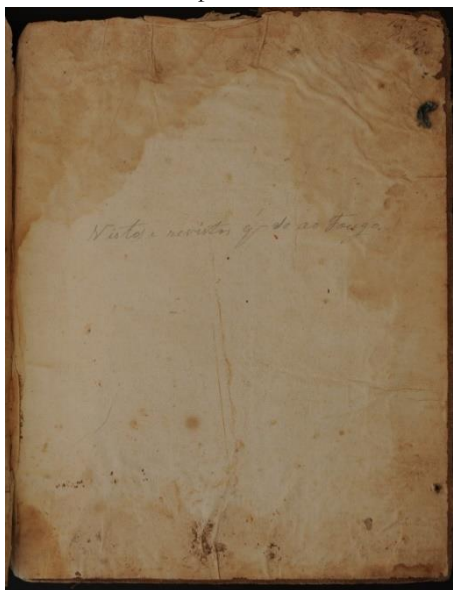
Figura 10 – Fragmento do fólio 130r do Livro de Razão: escrita de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

A respeito do que funciona como termo de encerramento, o *Livro de Razão* contém, na última página, a frase escrita a lápis por Miguel Joaquim de Castro Mirante (cf.figura 11).

Figura 11 – Fólio 195: Espécie de termo de encerramento



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

É fato que não existe a assinatura do responsável como orienta o protocolo contábil, todavia a mensagem escrita cumpre o papel de encerrar a utilização do documento, mesmo que se verifique a intenção de lançá-lo ao fogo, medida totalmente diferente do convencional para esse tipo de documentação – arquivar – para consultas posteriores.

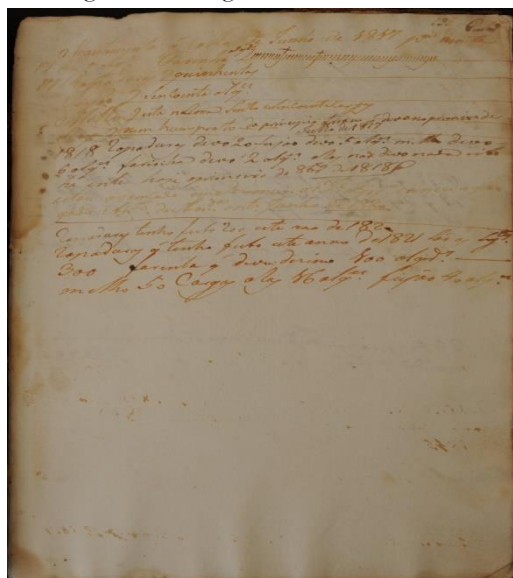
Em relação ao papel utilizado pelos senhores do Campo Seco, descreve Santos Filho (2012, p. 112) que é do tipo filigranado contendo o desenho das armas de Portugal como marca, além de ser resistente e grosso, de superfície pouco polida, com linhas translúcidas deixadas pelo arame das formas. Evidencia-se, para além das descrições de Santos Filho, que se trata de um papel de cor parda, cujas linhas e a marca d'água não podem mais ser vistas sem o auxílio de recursos de ampliação da imagem.

Relativamente à tinta usada no Campo Seco, Santos Filho (2012) conclui ser:

Preparada com extratos de vegetais ou de substâncias minerais, ou animais, e também cola para evitar que escorresse no papel, a antiga tinta de escrever continha ainda fixadores minerais. Alguns desses fixadores eram corrosivos e acabaram destruindo as páginas, nos pontos correspondentes à parte escrita, como, aliás, se nota em alguns manuscritos do Sobrado. Os livros de apontamento, no entanto, estão isentos da corrosão. O que se vê em certas páginas é o quase completo desaparecimento da escrita, sinal de tinta destituída de bom fixador. (SANTOS FILHO, 2012, p. 111).

No caso do *Livro de Razão*, a tinta utilizada foi de coloração preta ou vermelha. A ação do tempo provocou, em certas folhas, a alteração da cor original para tons marrons e alaranjados (cf. figura 12).

Figura 12 – Fragmento do fôlio 191r do Livro de Razão: tinta



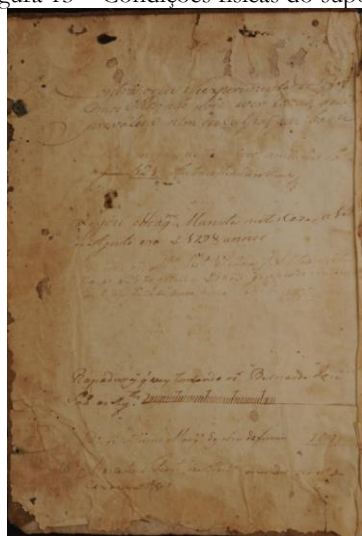
Tom marrom

Tom alaranjado

Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

A descrição minuciosa de Santos Filho é consequência do acesso ao suporte material dos manuscritos, quando ele preparava o livro *Uma comunidade rural do Brasil Antigo*, lançado em 1956. Entretanto, muitos anos se passaram, e o estado de conservação do *Livro de Razão*, no que se refere à tinta utilizada, já não é exatamente como antes. Há um agravamento significativo em alguns fôlios em virtude de manchas causadas pela umidade, provocando o desaparecimento da escrita ou dificultando a leitura. É possível notar ainda ataques de insetos, manchas escuras, clareamento da tinta, manchas oriundas do excesso de tinta da página anterior e desgaste do suporte (cf. figuras 13).

Figura 13 – Condições físicas do suporte



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

O tipo de pena utilizado pelos *scriptores* do Brejo do Campo Seco foi, segundo Santos Filho (2012, p. 111), a pena de aves, em especial, a de ganso, justamente porque eram mais flexíveis e deslizavam mais facilmente sobre a superfície do papel grosso sem borrá-lo. Só a partir de meados do século XIX as penas metálicas entraram em uso, acrescenta Santos Filho (2012). Pode parecer pouco comum, no sertão, a presença de um utensílio com este tipo de pena, mas ao verificar os escritos dos senhores, localizamos, por exemplo, a informação sobre a compra de seda inglesa e francesa, fato que justifica prontamente a possibilidade da aquisição da pena de ganso como suporte para a escrita.

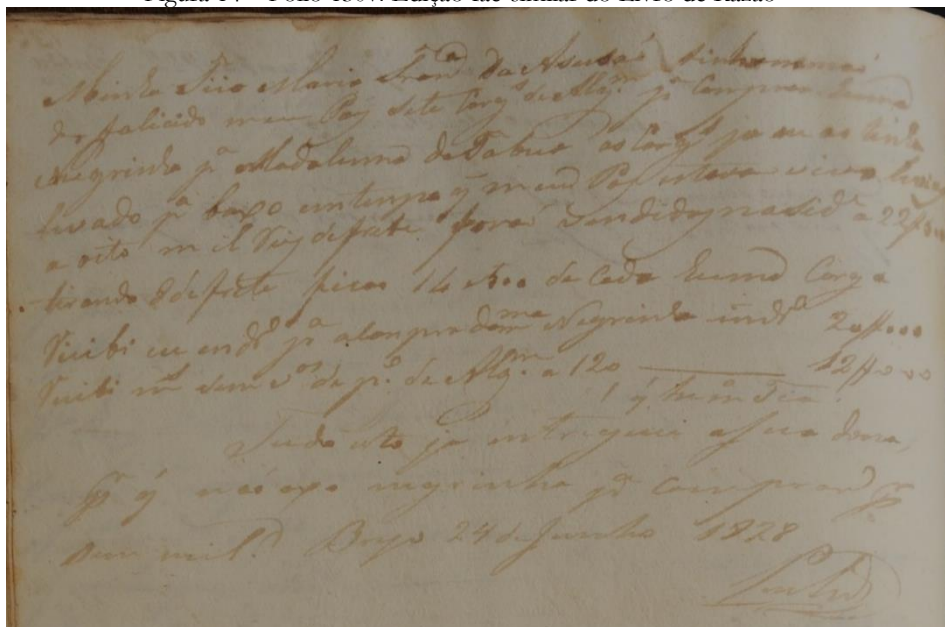
2 DOS DESAFIOS DA EDIÇÃO AOS PROCEDIMENTOS PARA SUPERÁ-LOS

Acessar as histórias através de um manuscrito tem seus percalços. Engana-se quem pensa que basta usar um editor de texto e a questão estará definida. O profissional, ao se debruçar sobre essa laboriosa função, deve estar preparado para os desafios de tal tarefa. Após a superação da localização do corpus, que se pretende editar, e da definição dos objetivos de tal edição, é necessário conhecer a história da língua registrada no testemunho, a fim de não se cometer leitura equivocada no processo de preparação do texto, de onde se extrairão os dados linguísticos e os vestígios da vivência de uma determinada comunidade.

Quando mencionamos a ideia de conhecer a história da língua, significa entender o funcionamento de sua estrutura interna e as suas possíveis mudanças ao longo do tempo, mas também compreender os fatores socioculturais que essa língua compartilhada pela vida social carrega consigo. Essa interface justifica-se, pois, conforme ensina Martin (2003, p. 136) “[...] a história de uma sociedade, de sua cultura, de suas mentalidades, é indissociável da história de sua língua: a vida social supõe uma língua compartilhada, e esta conserva em si os vestígios da história comum.”

De posse desses conhecimentos, o passo seguinte é a definição do tipo de edição que se pretende fazer, para assim determinar os critérios norteadores de tal processo. Optamos pelas edições fac-similar e semidiplomática do *Livro de Razão*, como podem ser observadas a seguir (cf. figura 14, seguida da edição semidiplomática). Embora seja possível a intervenção, tem sido a edição semidiplomática muito utilizada nos estudos da história da língua, já que, de acordo com Lose (2017, p. 76), “[...] é aquela que traz uma leitura conservadora do texto, nos aspectos linguísticos”.

Figura 14 – Fólio 130v: Edição fac-similar do Livro de Razão



Fonte: CEDOHS/UEFS / Foto: Jorge Santos/UESB.

Edição semidiplomática feita pelo autor

[f.130 v]

- Minha Tia Maria Francisca Da Asunsaõ tinhanamaõ
do falecido meu Pay sete Cargas de Algodam para Comprar huma
Negrinha para Madalenna daTabua as Cargas ja eu as tinha
5 levado para baixo em tempo que meu Pay estava vivo leveias
a oito mil reys de frete foraõ vendidas nasidade a 22\$500
tirando 8 de frete ficao 14e500 de cada huma Carg a
ricibi eu em dinheiro para acon pra dam esma Negrinha imd inheiro 20\$000
10 ricibi mais sem varas de pano de Algodam a 120 _____ 12\$000
Tudo isto ja entreguei asua dona <↑que he minha Tia>
por que não axo negrinha para comprar por
sem mil. Brejo 24 de Junho 1828

Pinheiro

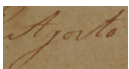
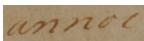
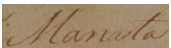
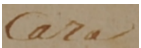
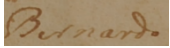
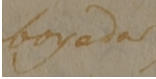

A leitura de manuais de paleografia, além da consulta a trabalhos de grupos de pesquisas consolidados na área como, por exemplo, o *Nova Studia Philológica*, grupo liderado pela professora Dra. Célia Marques Telles, sediado na Universidade Federal da Bahia e, principalmente, as normas do PHPB deram base aos critérios usados na edição do manuscrito do Campo Seco.

2.1 PARA NÃO CAIR NAS “ARMADILHAS” DO TEXTO...

O profissional que trabalha com documentos antigos deve estar preparado para as armadilhas do texto, especialmente quando há registros escritos por mais de um “punho”. Para evitar falhas, é preciso controlar alguns aspectos, como o reconhecimento dos diferentes punhos, as particularidades gráficas (segmentação e variação grafemática), além do uso das abreviaturas.


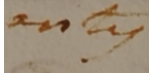
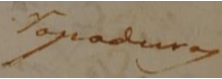

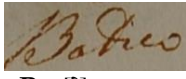
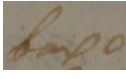
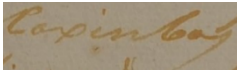
No caso do *Livro de Razão*, fizemos o levantamento criterioso do tipo grafemático usado por cada *scriptor* e construímos o quadro scriptográfico de cada um, observando o uso das letras maiúsculas e minúsculas, nas posições inicial, medial e final, conforme os exemplos indicados a seguir (c.f quadros 2 e 3)

Quadro 2 – Amostra do quadro scriptográfico de Antônio Pinheiro Pinto

Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	 Agosto [p.0, L. 7]	 annos [p.0, L. 7]	 Manata [p.0, L. 6]	 caza [p.0, L. 6]
B	 Bernardo [p.0, L. 11]	 boyada [p.8, L. 12]	 obras [p.0, L. 13]	Sem ocorrências

Fonte: (SILVA, 2021, p. 197).

Quadro 3 – Amostra do quadro scriptográfico de Inocêncio José Pinheiro Pinto

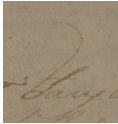


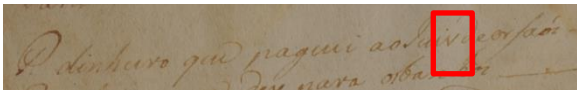
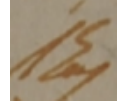
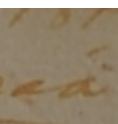
Letra	Maiúscula	Inicial	Medial	Final
A	 Asusaõ [f.130v, L.1]	 an tes [f.130r, L.4]	 rapaduras [f.130r, L.3]	 Negrinha [f.130v, L.3]
B	 Bot[?]co [f.129v, L.4]	 baixo [f.130v, L.4]	 Caxinbas [f.186v, L.23]	Sem ocorrências

Fonte: (SILVA, 2021, p. 206)

A produção gráfica de Miguel Joaquim de Castro Mirante, genro de Inocêncio e terceiro a escrever no *Livro de Razão*, não foi suficiente para a composição de um quadro scriptográfico de sua autoria.

Além disso, verificamos particularidades da letra de cada *scriptor*. No que se refere à morfologia das letras e aos *ductus*, percebemos que as letras de Antônio Pinheiro Pinto são, em geral, pequenas e bem executadas. Os traçados (*ductus* ↗) são levemente inclinados para a direita (cf.figura 15), com algumas particularidades nas hastes de grafemas específicos como <d>, <j>, <s> longo, que serão mencionadas adiante.

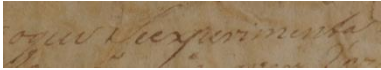
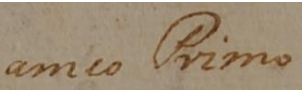
Quadro 4 – Particularidades da execução caligráfica de APP

Grafema	Comentário	Exemplos
<F>	O traçado do grafema é bem diferente, lembra um <A> maiúsculo de cabeça para baixo.	 [p.79, L.19]
<T>	O traçado do grafema lembra o grafema <F> exemplificado anteriormente. O contexto é essencial para a leitura adequada.	 [p.116, L.23]
<s>	Há uma variação no emprego do <s> minúsculo. O <s> longo aparece com frequência em diferentes posições nos vocábulos. Em alguns contextos pode ser confundido com o <y>.	 [f.182v, L.3]  [p.6, L.3]
<h>	No dígrafo <lh>, o grafema <h> aparece, na maioria das ocorrências, com esse formato que lembra um <E> maiúsculo cursivo.	 [p.10, L.9]
<aa>	A duplicação do grafema <a> ocorre 6 vezes na palavra irmã, o que pode indicar uma dificuldade de marcar a nasalidade nesse contexto.	 [f.124r, L.1]

Fonte: (SILVA, 2021, p. 203).

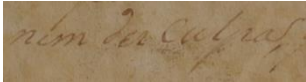
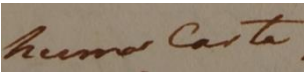
No tocante à segmentação gráfica, há, na escrita de Pinheiro Pinto, trechos grafados separados (hipersegmentação), que deveriam estar juntos, e trechos unidos (hipossegmentação), os quais, pela convenção da escrita, deveriam ser separados. Tal contexto indica que, embora o emprego da segmentação gráfica não canônica seja mais recorrente em textos escritos por crianças, em fase inicial de aprendizagem da escrita, é possível verificar tais vestígios em textos de adultos. A amostra apresentada aqui, para os casos do uso da hipersegmentação e da hipossegmentação gráfica não convencional dos senhores do Campo Seco está indicada a seguir.

Quadro 5 – Exemplos de hipossegmentação de APP

Hipossegmentação	Fac-símile
oque Seexperimenta	 [verso da capa, L.1]
ameo Primo	 [p.2, L.11]

Fonte: (SILVA, 2021, p. 205).

Quadro 6 – Exemplos de hipersegmentação de APP

Hipersegmentação	Fac-símile
nem des culpa	 [verso da capa, L.2]
huma car ta	 [p.23, L.19]

Fonte: (SILVA, 2021, p. 206).


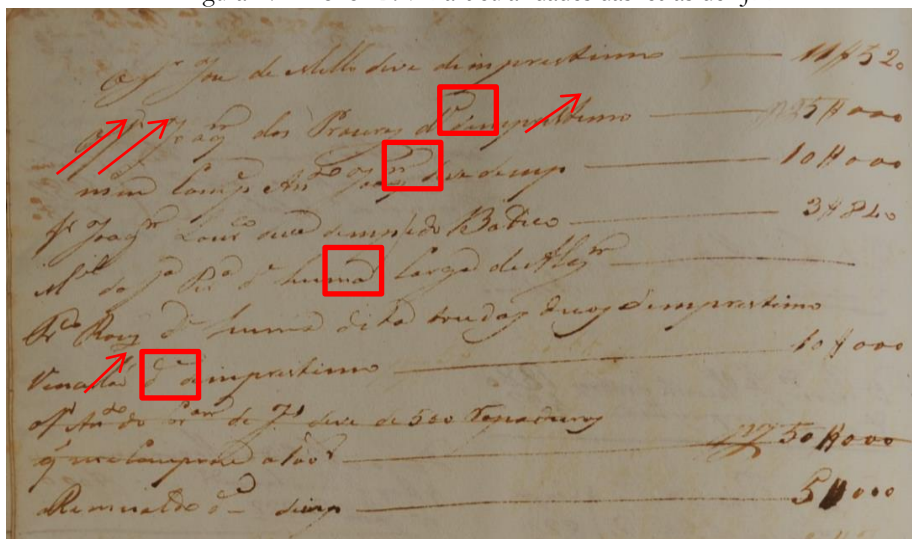
Em relação à produção gráfica de Inocêncio Pinheiro Pinto, as letras, em geral, são menores que a de seu pai e bem executadas. Os traçados (ductus ) são inclinados para a direita, com algumas particularidades nas hastes de grafemas específicos como <d>, <m>, <a>, <e>, que possuem o traçado inclinado para a esquerda. Os traços das letras de Inocêncio Cangucu são mais finos quando comparados aos de seu pai, Antônio Pinheiro (cf. figura 17).

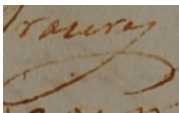
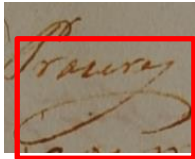
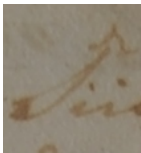
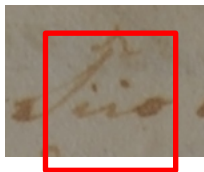
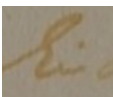
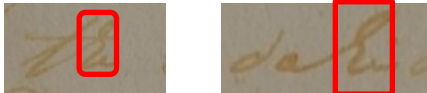
Figura 17 – Fólio 129v: Particularidades das letras de IJPP



Fonte: CEDOHS/UEFS /Foto: Jorge Santos/UESB.

Do punho de Inocência Pinheiro Canguçu, foi possível observar algumas particularidades na execução grafemática. São as seguintes:


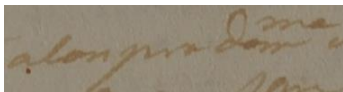
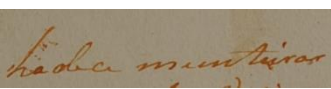
Quadro 7 – Particularidades da execução caligráfica de IJPP.

Grafema	Comentário	Exemplo
 <s> longo	O <s> longo, além de possuir o traçado descendente longo, pode ser confundido, numa leitura desatenta, a um <j> ou <y>.	 [f.129v, L.2]
<T> 	A execução do grafema <T> lembra o formato do grafema <F> maiúsculo. A duplicação do grafema <i> ocorre na palavra tio.	 [f.130v, L.1]
<h> 	A presença do <h> em vocábulos como dahi, the.	 [f.186, L.6,7]

Fonte: (SILVA, 2021, p. 211).

Em relação à segmentação gráfica, predominam, na escrita de Inocência José Pinheiro Pinto, os casos de hipossegmentação não convencional. Alguns exemplos são expostos no quadro (8). Não localizamos exemplos de hipersegmentação na escrita de Inocência.

Quadro 8 – Exemplos de hipossegmentação de IJPP

Hipossegmentação	Fac-símile
Tinhanamaõ	 [f.130v, L.1]
acompra dameima	 [f.130v, L.7]
há dece meenteirar	 [f.182v, L.20]

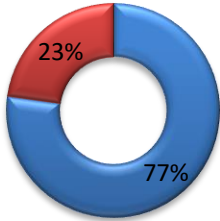
Fonte: (SILVA, 2021, p. 212).

Os cuidados necessários, diante das dificuldades existentes, durante o processo de edição, não se esgotam nestes já mencionados. Aqui apresentamos mais um elemento que, sem a cautela do pesquisador, pode se tornar um empecilho no processo de leitura de um texto antigo: as abreviaturas.

No *Livro de Razão* do Campo Seco, identificamos 171 palavras que aparecem em um total de 6201 abreviaturas. Desse total, as ocorrências são majoritariamente de Antônio Pinheiro Pinto, porque ele redigiu bem mais que o filho, Inocência Pinheiro Canguçu, segundo dados catalogados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Total de palavras abreviadas no Livro de Razão

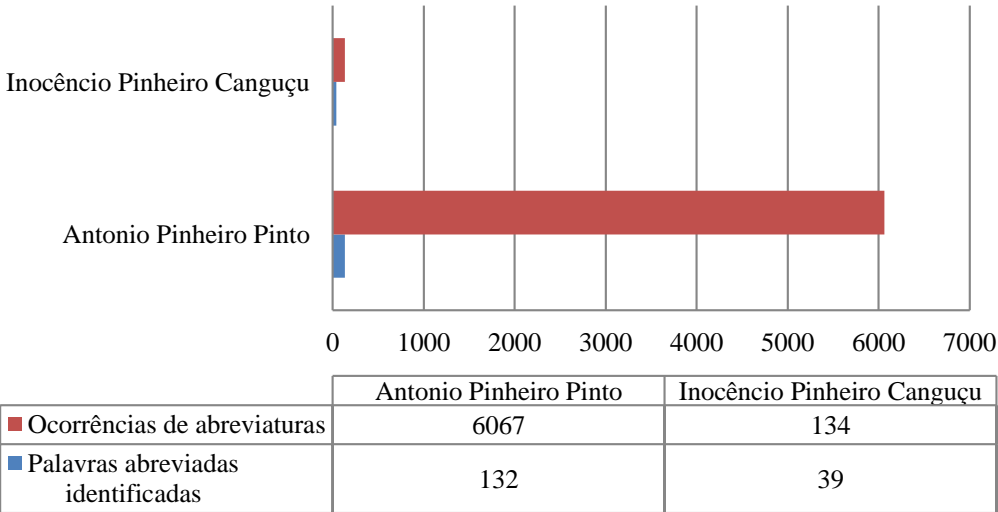
■ Antonio Pinheiro Pinto ■ Inocência Pinheiro Canguçu



Fonte: (SILVA, 2021, p. 218).

Os 77% de abreviaturas de Antônio Pinheiro Pinto equivalem a um total de 132 palavras. Inocência Pinheiro Canguçu abreviou apenas 39 palavras, perfazendo um total de 23%. O gráfico a seguir mostra a quantidade de vezes que essas palavras identificadas foram abreviadas ao longo do texto.

Gráfico 2 – Distribuição geral de abreviaturas por *scriptor*.



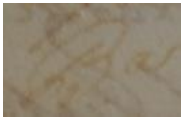
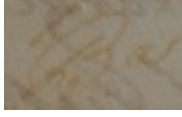
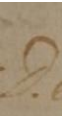
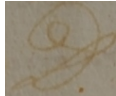
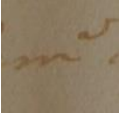
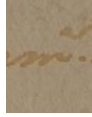
Fonte: (SILVA, 2021, p. 218).

Se tais abreviaturas não ofereciam problemas de compreensão para seus autores, quando foram elaboradas, para quem se debruça sobre elas, muito tempo depois, a situação é bem diferente. Sobral (2013, p. 88) comenta sobre as dificuldades de compreensão do sistema abreviativo que estão atrelados aos seguintes fatores:

- a) o ducto da escrita contribui para que o amanuense não levante a mão do suporte, o que favorece a ligação entre as palavras, a formação de nexos entre as letras e o uso de traços que envolvem toda a palavra abreviada. Esses traços podem partir da última letra da palavra ou da letra sobreposta, prejudicando a identificação das letras que compõem a abreviatura, já que torna difícil distinguir os traços pertencentes a cada letra;
- b) polissemia (várias equivalências para uma mesma forma abreviada);
- c) para-sinonímia (diferentes formas usadas para abreviar uma mesma palavra);
- d) formas especiais de abreviação (SOBRAL, 2013, p. 88).

Na edição do *Livro de Razão*, a dificuldade de leitura das abreviaturas esteve atrelada, sobretudo, à polissemia e à sinonímia, o que nos obrigou a observar atentamente o contexto de uso. O quadro 9 exemplifica alguns casos de polissemia identificados nos assentamentos de Antônio Pinheiro Pinto.

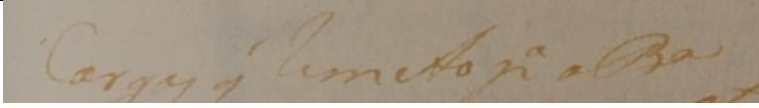
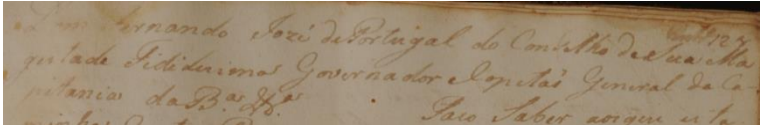
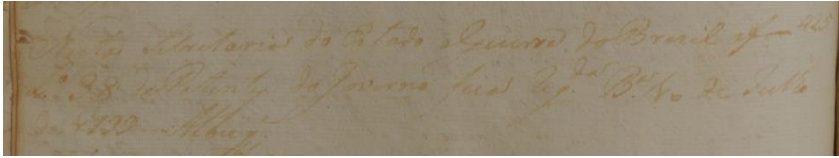
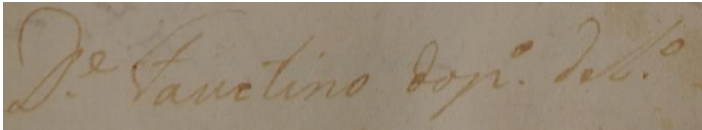
Quadro 9 – Polissemia nas abreviaturas de APP

Fac-símile	Transcrição	Ocorrências	Fac-símile	Transcrição	Ocorrências
	<i>Barra</i>	16		<i>Bahia</i>	05
	<i>Dona</i>	07		<i>Dom</i>	01
	<i>meã</i>	05		<i>minha</i>	40

Fonte: (SILVA, 2021, p. 223).

A polissemia, explica Sobral (2013), consiste na utilização de uma mesma abreviatura para diferentes palavras. As ocorrências desse tipo de abreviatura no *Livro de Razão*, oriundas da produção gráfica de Pinheiro Pinto, só foram desenvolvidas após a análise do contexto de uso de cada uma, conforme as amostras presentes no quadro 10.

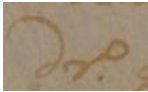

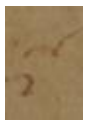
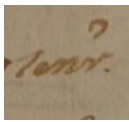

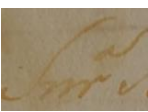
Quadro 10 – Exemplos contextualizados da polissemia na escrita de APP

 <p>Cargas que Remeto para aBarra [f.127r, L.19] Antonio Pinheiro Pinto tem outras anotações fazendo referência a transações comerciais realizadas na Barra. Essa informação facilitou a compreensão da abreviatura.</p>
 <p>Dom Fernando Jozé de Portugal do Conselho de Sua Magestade Fide Lissima Governador Capitão General da Capitania daBahia. [p.121, L.1-3]</p>
 <p>Nesta Secretaria do Estado e Guerra do Brasil a folha 425 Livro 38 de Patentes do Governo fica Registrada Bahia 10 de Julho de 1799 Albuquerque</p>
 <p>De Faustino dopano deLinbo [p.15, L.24] Fonte: (SILVA, 2021, p. 223-224).</p>

Apesar de os dados de polissemia ocorrerem em menor quantidade na escrita de Pinheiro Pinto, apresentaram maior dificuldade durante o processo de edição, uma vez que, para cada ocorrência, era necessária a comparação dos exemplos nas situações nas quais foram empregados e todo esse processo demandava maior tempo e cautela.

Diferente da polissemia, a sinonímia acontece quando uma palavra é abreviada de formas diferentes. No quadro 10 exemplificamos os casos identificados, também, nos assentamentos de Antônio Pinheiro Pinto.

Quadro 10 – Sinonímia nas abreviaturas de APP


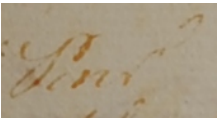
Transcrição	Fac-símile	Ocorrências	Transcrição	Fac-símile	Ocorrências
<i>dinheiro</i>		431	<i>dinheiro</i>		29
<i>senhor</i>		317	<i>senhor</i>		21
<i>Senhora</i>		03	<i>Senhora</i>		01

Fonte: (SILVA, 2021, p. 225-226).

Na produção gráfica de Pinheiro Pinto, há uma maior produtividade de abreviaturas por sinonímia. Diferente da polissemia, o grau de dificuldade para identificar e desenvolver tais abreviaturas foi menor, o contexto também é considerado essencial, contudo o processo é distinto. Enquanto, na polissemia, a abreviatura é igual para duas ou mais palavras, obrigando-nos a uma nova interpretação em cada caso, na sinonímia estamos diante de abreviaturas diferentes para uma mesma palavra. Uma vez identificadas a palavra e a primeira forma de abreviá-la, a percepção de outras formas fica mais fácil, em virtude de um modelo de observação que nos indica a quantidade de elementos suprimidos e facilita a comparação.

Diante do número reduzido de abreviaturas produzido por Inocêncio Pinheiro Canguçu, não localizamos casos de polissemia. Há um dado de sinonímia, para a palavra Pinheiro, exposto no quadro 11.

Quadro 11 – Sinonímia nas abreviaturas de IJPP

<i>Pinheiro</i>		<i>Pinheiro</i>	
-----------------	---	-----------------	---

Fonte: (SILVA, 2021, p. 227).

Pelo que expomos e exemplificamos, não é possível olhar para um manuscrito e desconsiderar as abreviaturas, porque existe uma relação antagônica entre eles. Se, no passado, as abreviaturas agilizaram a escrita, no presente retarda a leitura (SOBRAL, 2007, p. 13). Diante desse contexto, é necessário entender que as “abreviaturas é uma das chaves para desvendar o segredo dos manuscritos antigos” (LOSE et al. 2009, p. x). Como é do conhecimento geral, desvendar segredos não é tarefa simples, requer estratégias variadas,

persistência e paciência. Em se tratando de manuscritos antigos, não desvendar esse segredo é menos prejudicial que o desvendar equivocadamente e acabar prejudicando a preservação e a transmissão da cultura escrita.

CONCLUSÕES

Ao longo deste artigo, mostramos alguns desafios que a edição de um texto antigo exige do pesquisador – do conhecimento da língua do texto às dificuldades no que se refere às particularidades dos grafemas, abreviaturas e identificação das diferentes mãos. Além disso, através do processo de edição do *Livro de Razão do Campo Seco*, oferecemos ao leitor procedimentos usados para a superação dos obstáculos durante o labor filológico: a construção do quadro scriptográfico com o objetivo de identificar a autoria material do testemunho, a elaboração de quadros com particularidades gráficas dos indivíduos envolvidos na produção escrita e a identificação das abreviaturas constituídas por polissemia e sinonímia.

Os procedimentos empregados na edição do *Livro de Razão*, descritos neste texto, são mecanismos seguros e úteis ao pesquisador que tem como finalidade trabalhar com documentos pretéritos. Ao aplicar essa metodologia, as particularidades de cada testemunho devem ser respeitadas, para que, dessa forma, o patrimônio histórico, sociocultural e linguístico de um povo, materializado nos textos antigos, seja compartilhado e preservado com a credibilidade de um trabalho criterioso. Assim, como ensina Almada (2012, p. 33), por meio da escrita, será possível suprir “o que com a voz se não pode exprimir e alcançar com os ouvidos, ou por distância de lugar, como quem escreve aos ausentes, ou por decurso de tempo, como quem escreve aos vindouros.”

REFERÊNCIAS

ALMADA, Márcia. *Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

AZEVEDO SANTOS, Maria José. *Assina quem sabe e lê quem pode*. Leitura, transcrição e estudo de um rol de moradias da Casa de D. Catarina de Áustria (1526). Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. Crítica textual. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 293-319.

CORPUS CE-DOHS. *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010)*. Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009) Disponível em: www.uefs.br/ccdohs.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. *Olhares sobre o português medieval: Filologia, História e Língua*. Rio de Janeiro: Editora Vermelho Marinho, 2017.

LOSE, Alícia Duhá et al. *Edição diplomática do Dietario das vidas e mortes dos Monges, q^a falecerão neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Príncipe dos Patriarchas S. Bento*. Salvador: Mosteiro de São Bento; Eudfba, 2009.

LOSE, Alícia Duhá. *Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam?* Revista da ABRALIN, v. 16, n. 2 p. 71-86, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.
MARTIN, Robert. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2003, p. 135-159.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística histórica. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos; NUNES, José Horta (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes. 2006.

PERICÃO, Maria da Graça; FARIA, Maria Isabel. *Dicionário do Livro: livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

PINHO, Lorena de Andrade; ROCHA, Joséliton Silveira da. *Contabilidade Introdutória I*. Salvador: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis, 2017.

SANTOS FILHO, L. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX*. Feira de Santana: Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

SANTOS, Jorge Viana; BRITO, Giovane Santos. *Fotografia técnica de documentos para a formação de corpora digitais eletrônicos: o método desenvolvido no Lapelinc*. Letras & Letras, v. 30, n. 2, p. 421, 30 jul./dez. 2014.

SILVA, Adilson. *O Sertão por escrito no Livro de Razão: um microcosmo sócio-histórico e linguístico da Bahia rural oitocentista*. 2021. 2 v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. *Abreviaturas: uso e função nos manuscritos*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia: edição semidiplomática e um olhar sobre os documentos quinhentistas*. 2013. 175f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística,

Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; ALMEIDA, Isabela Santos de; SANTOS, Rosa Borges dos; DUARTE, Rosinês de Jesus (Org). *Estudos Filológicos – Linguística Românica e Crítica Textual*. Salvador: EDUFBA, 2016.